



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - POSGRAP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - NPGeo



“30 ANOS DE CONTRIBUIÇÃO À GEOGRAFIA”

São Cristóvão, 29 e 30 de Agosto de 2013.

A RELAÇÃO ENTRE A AGROECOLOGIA E ORGANIZAÇÃO DAS MULHERES CAMPONESAS: experiência do/no Projeto de Assentamento 13 de Maio.

Laiany Rose Souza Santos

Mestre pelo Núcleo de Pós-Graduação em Geografia - UFS

Laboratório de Estudos Rurais e Urbanos - LABERUR

E-mail: laiany.santos@gmail.com

Josefa de Lisboa Santos

Orientadora e professora do Núcleo de Pós Graduação em Geografia – UFS.

Grupo de Pesquisa Relação Sociedade Natureza e Produção do Espaço – PROGEO

E-mail: josefalisboa@uol.com.br

Introdução

Esse estudo busca resgatar alguns dos debates realizados na dissertação de mestrado: “O território camponês sob o enfoque de gênero: a divisão sexual do trabalho e a agroecologia”, como forma de difusão do conhecimento construído com a participação de atores diretos e indiretos, de forma que se tornou um trabalho coletivo. Nesse resgate será tratado como questão central das discussões de que forma a agroecologia pode auxiliar na organização das mulheres camponesas e seu engajamento ativo nas esferas políticas?

Utilizou-se do método do materialismo histórico dialético para que o conhecimento não se satisfaça do senso comum, mas que possa,

Ir mais longe, na convicção de que, por detrás do imediato, há uma outra coisa que, ao mesmo tempo, se dissimula e se expressa nesse imediato; que o imediato é apenas a constatação (ainda insuficiente e abstrata, nesse sentido) da existência da coisa; e que nós atingiremos “algo” mais real: o próprio ser, sua “essência” (LEFEBVRE, 1975, p. 216).

Na relação teoria e prática proposta pelo método escolhido, utilizou-se os caminhos das revisões bibliográficas, questionários, caminhadas transversais, que “consiste em percorrer uma determinada área, acompanhado de informantes locais e que conheçam bem a região” (SOUZA, 2008, p. 38) e a metodologia de rotina diária para conhecer e interpretar a realidade e seus emaranhados.

Essa metodologia foi relevante para conhecer o grupo de mulheres, interpretar e explicar a realidade. O trabalho feminino com a agroecologia como expressão do/no território do assentamento, sendo essa organização e atuação um embate ao modelo das forças

hegemônicas capitalistas do agrohidronegócio.

Compreende-se que a agroecologia não é um conjunto de técnicas, mas uma elaboração técnica e política, portanto a apropriação dela pelas camponesas é uma possibilidade de construção de autonomia, que reflete também como afronta ao patriarcado e ao latifúndio produtor das desigualdades sociais. Para Caporal e Costabeber;

A Agroecologia nos traz a ideia e a expectativa de uma nova agricultura, capaz de fazer bem aos homens e ao meio ambiente como um todo, afastando-nos da orientação dominante de uma agricultura intensiva em capital, energia e recursos naturais não renováveis, agressiva ao meio ambiente, excludente do ponto de vista social e causadora de dependência econômica (2002, p.1).

O campo é um, mas não é homogêneo. Há diversos modelos produtivos que são conflitivos, como por exemplo, o modelo produtivo do agrohidronegócio, que expressa o interesse capitalista de controlar as melhores terras e o acesso à água (THOMAZ JR, 2012). E o modelo agroecológico realizado pelas camponesas, direcionada a produção de alimentos, realizada em sistemas de policultura e que obedece a um tempo de preparo e cultivo até a colheita mais longo que o sistema convencional¹.

No contexto sergipano, principalmente no território leste² onde há o monocultivo da cana de açúcar, nota-se o Projeto de Assentamento 13 de Maio, localizado no município de Japarutuba, como mostra a figura 1, representando resistência ao desenvolvimento destrutivo capitalista, que busca avassalar os territórios segundo seus interesses. Neste assentamento de reforma agrária há a construção de resistência e possibilidade de transformação a partir da organização impulsionada pelas mulheres.

A agroecologia realizada pelas camponesas do PA 13 de Maio leva a possibilidade do desenvolvimento real da sociedade, e entre outras coisas, a soberania alimentar. Uma vez que o desenvolvimento pregado à nossa sociedade está imbricado a uma lógica social destrutiva com uma imagem de irreversível. Essa lógica perversa tem alienado a sociedade e o trabalho na busca do desenvolvimento independente da forma como ocorra.

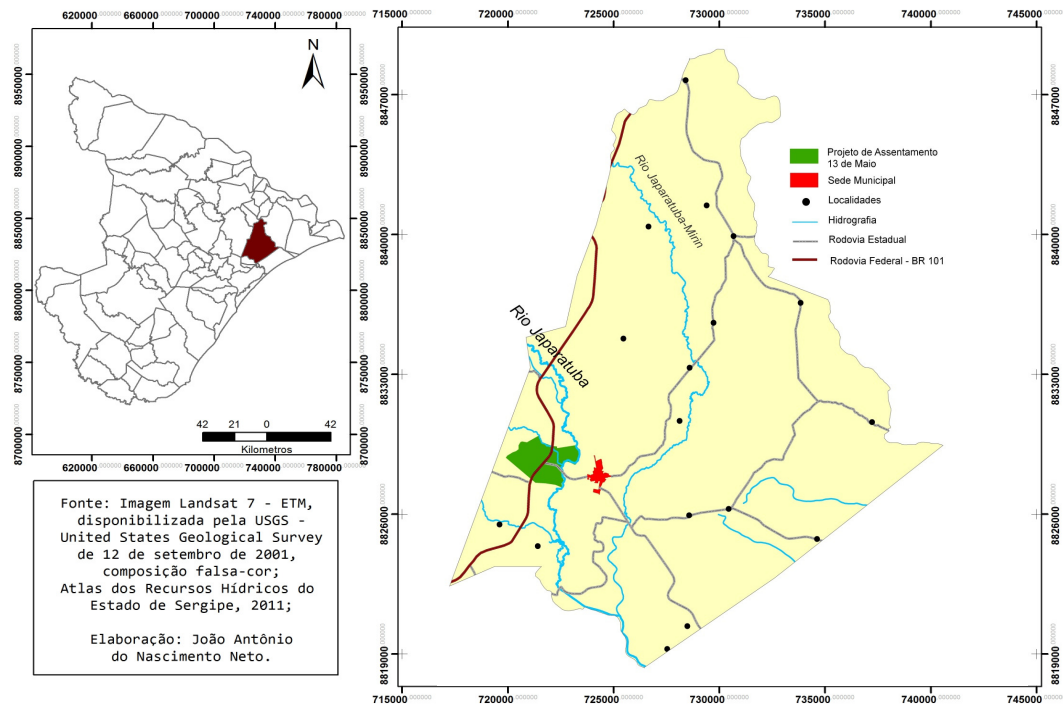
Segundo Demarais (2007, p. 257), “las mujeres del campo juegan un papel crucial en las pociones agrícolas y en mantener la estructura económica y social de las comunidades rurales”. Principalmente porque é socialmente construída e dada a ela a responsabilidade com a família. A desigualdade enraizada no patriarcado leva a luta das mulheres que se dá diante

¹ Há uma diferença entre o convencional do tradicional, pois agricultura convencional vem da convenção da inseminação de técnicas e modelos apresentados como ideais a serem seguidos, enquanto a agricultura tradicional remete à cultura, portanto ao resgate as formas de trabalho camponesas.

² O território leste que destacamos é a partir da divisão territorial realizada pela Secretaria de Estado do Planejamento, Orçamento e Gestão – SEPLAG.

do modo de produção, mas também contra a propriedade privada, o Estado, a opressão e a violência que se dá em todas as esferas.

Figura 1
Projeto de Assentamento 13 de Maio, Japarutuba, 2011.



O grupo de mulheres do PA 13 de Maio, denominado “Lutar para Vencer” inicialmente era formado por 15 mulheres, casadas, idades entre 35 e 50 anos, oriundas em sua maioria da área rural, e que já haviam ocupado terras anteriormente, seja as que originaram este assentamento ou passaram por experiências em outras ocupações. Vislumbraram na organização do grupo de mulheres a possibilidade de construção de autonomia financeira, apesar de representar na prática mais uma jornada de trabalho.

O grupo precisou recuperar o solo desgastado com o intuito de prover o abastecimento alimentar da família camponesa, pois no passado nesse solo houve produção intensiva de cana de açúcar. Para o preparo do solo exige tempo e dedicação, que foram empenhados pelas mulheres por meio do trabalho coletivo apresentando a capacidade de autonomia e produção das mulheres.

As ações dessas mulheres têm caráter de afirmação e apropriação do território do assentamento, mostrando a capacidade camponesa de, apesar de estar dentro do sistema capitalista, construir um modelo de produção diferente. É por meio do trabalho do grupo de mulheres que impulsionam a transformação no território, não aceitando a dominação dos usineiros do território leste sergipano, portanto,

Quando o capitalista expressa sua outra face de poder de classe, ao submeter o camponês e sua família à condição de trabalhador assalariado (diarista não residente), de proletário, no corte da cana-de-açúcar, também *colhe* a resistência camponesa, que expressa o sentimento de liberdade do camponês (de ser livre) e de retomar sua autonomia sobre os destinos da terra de trabalho (THOMAZ JR,s/d, p39).

Portanto, o assentamento representa a terra de trabalho, o território camponês de resistência e luta que cria e recriam alternativas frente a imposições do modelo capitalista, sendo a agroecologia uma dessas formas. Embora as mulheres do PA 13 de Maio já trabalhassem sem o uso de agrotóxicos, foi à organização do grupo de mulheres a peça propulsora para o engajamento nas esferas políticas, proporcionando uma relação equitativa com a terra e economicamente viável.

É perceptível que a organização para trabalhar com a agroecologia foi simultaneamente construindo uma consciência crítica nas mulheres para romper com alguns padrões, como a participação nas esferas políticas, seja dentro das suas casas, na comunidade, no município, no estado agindo a partir de ações locais uma esfera nacional.

Bibliografia

THOMAZ JR, Antonio. **Agronegócio Alcoolizado e Culturas em Expansão no Pontal do Paranapanema! Legitimação das Terras Devolutas/Improdutivas e Neutralização dos Movimentos Sociais.** s/d. Disponível em <http://www4.fct.unesp.br/ceget/GeografiadoBrasil/AgronegocioAlcoolizado.pdf>

DEMARAIS, Annette Aureliá. **La via campesina: la globalización y el poder del campesinado.** Madrid: Editora Popular, 2007.

THOMAZ JR, Antonio. **Desenvolvimento Destrutivo das Forças Produtivas e a Nova Geografia da Produção de Alimentos.** 2012. Disponível em <http://www4.fct.unesp.br/thomaz/Geografia%20doTrabalho%202012/Textos-Leitura/texto%202-4%20Thomaz-Destrutivo-volume%205.pdf>

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia: Enfoque científico e estratégico.** Porto Alegre: EMATER/RS, 14/05/2002.

GUZMÁN, Eduardo Sevilla. **La Agroecología como estrategia metodológica de transformación social.** 2006, disponível em: http://www.agroeco.org/socla/pdfs/la_agroecologia_como.pdf, acessado em 07/10/2012.

LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal/ lógica dialética.** Tradução: Carlos Nelson Coutinho, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1975.

SOUZA, Murilo Mendonça Oliveira de. **A utilização de metodologias de diagnóstico e planejamento participativo em assentamentos rurais: o diagnóstico rural/Rápido participativo (drp).** *EM EXTENSÃO*, Uberlândia, v. 8, n. 1, p. 34 - 47, jan./jul. 2009.

Eixos Temáticos: Análise Agrária